Revista ClimaCom, Desvios do Ambiental | jornalismo |
ano 11, no. 27, 2024

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/

Conferência final do INCT Mudanças Climáticas Fase 2 reforçou a importância da transversalidade e da comunicação

Emanuely Miranda [1]

Editora: Susana Dias

O evento apresentou resultados finais e defendeu a importância de elaborar a transversalidade como um problema a ser pensado coletivamente, para além inclusive da cena científica

Entre os dias 31 de março e 2 de abril, pesquisadores e pesquisadoras do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas Fase 2 (INCT MC-2) se reuniram em Campos do Jordão para uma conferência de resultados finais do projeto, cujo começo ocorreu em novembro de 2016 pelo CNPQ e em julho de 2017, oficialmente, pela Fapesp.

José A. Marengo, coordenador do INCT MC-2, explica que o projeto se articulou a partir da necessidade de compreender os desafios que surgem para o Brasil e para o mundo em decorrência das mudanças climáticas. “O INCT MC-2 representa uma valiosa e importante contribuição para a compreensão do conhecimento em ciência, tecnologia e educação sobre mudanças climáticas e seus impactos na população e nos principais setores da economia brasileira e do meio ambiente”, expôs em sua apresentação.

Durante quase uma década, o INCT MC-2 se estruturou a partir de componentes que atuam como temas transversais no que tange à emergência climática. São eles: Segurança Alimentar; Segurança Hídrica; Segurança Energética; Saúde; Desastres e Cidades; Economia; Ecossistemas; Modelagem Climática; Comunicação. “Vai além da meteorologia ou da climatologia. Envolve todas as esferas da vida”, afirmou José A. Marengo.

Nesse sentido, durante a conferência, houve atenção às diversas camadas que compõem a questão do clima. Os coordenadores e as coordenadoras de cada componente apresentaram conclusões e

desafios que vivenciaram em suas respectivas pesquisas ao longo dos últimos anos. O evento se dividiu entre mesas redondas, palestras e apresentação de pôsteres que contemplavam todos os temas transversais envolvidos.

Na mesa de abertura, Regina Alvalá, diretora substituta do Cemaden (ou seja, instituição que sedia o INCT MC-2), e Jean Ometto, vice-coordenador da Rede Clima (que dialogou com o INCT MC-2 desde a sua primeira edição), destacaram a transversalidade como uma potência muito importante para essa fase do projeto. Por se tratar de uma pauta sistêmica e complexa, a questão do clima demanda a articulação de múltiplos conhecimentos.

Fotos tiradas na conferência, respectivamente: mesa redonda de Segurança energética e Segurança hídrica, apresentação de pôster da Climacom e apresentação do tema transversal de Saúde

A transversalidade se revelou como um desafio, mas também como uma urgência cujos resultados são capazes de nos levar à compreensão multidisciplinar do problema, bem como nos engajar em alianças entre ciências. Nesse sentido, Regina Alvalá considerou a conferência como uma troca de informações e dados, mas também como uma confraternização entre pesquisadores e pesquisadoras que dedicaram seus estudos às mudanças climáticas. “Discutir aqui e trocar experiências e conhecimentos vai ser muito importante para o avanço das pesquisas”, disse na ocasião.

Jean Ometto sucedeu a sua fala e também tocou no assunto da transversalidade, citando nominalmente alguns dos temas transversais. “Eles trazem a necessidade de um olhar múltiplo”,

reforçou. O pesquisador foi além e alertou para o fato de que a transversalidade não deve se dar apenas entre aqueles e aquelas que produzem aquilo que conhecemos como ciência. De acordo com suas palavras, faz-se necessário transversar também para além do universo acadêmico.

Essa demanda se mostrou como um apelo que percorreu todas as demais discussões da conferência. Oswaldo Luiz Leal de Moraes, diretor do departamento de Clima e Sustentabilidade do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, observa que há uma lacuna de comunicação entre a ciência e aqueles e aquelas que tomam decisões. Ele comparou a situação ao caso de um cartório, cujo funcionamento consiste em acumular informações que não são apropriadas e aproveitadas para a produção de políticas públicas no que tange à proposição e à aplicação de ações de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. “Nós precisamos discutir esse assunto para tirá-lo do meio acadêmico e levá-lo para a sociedade como um todo”, pontuou. É preciso comunicar a emergência do tempo presente.

Ainda citando o cartório como exemplo, Oswaldo Luiz Leal de Moraes disse que as informações cartoriais não refletem a diversidade e a profundidade das pessoas que estão registradas por lá. Ou seja, para além de compreender que precisamos comunicar, faz-se necessário compreender também: o que comunicar, como comunicar, com quem comunicar.

Durante sua fala, Eduardo Assad, coordenador do tema transversal de Segurança Alimentar, se posicionou a respeito do assunto. “Não adianta falar com os pares. Temos que falar com os ímpares”, alertou.

Mas será então que os ímpares são apenas os tomadores e as tomadoras de decisão? Eduardo Mário Mendiondo, coordenador do tema transversal de Segurança Hídrica, defendeu a importância de uma ciência aberta e inclusiva que convoca para o engajamento de todos e todas que compõem a comunidade. Nesse sentido, faz-se necessário mencionar a fala de Suzana Montenegro, sua parceira de componente, sobre a questão: “O que a gente faz não pode parar no paper”, advertiu.

Para além de ter a preocupação legítima e necessária com o letramento climático das pessoas, é preciso exercitar algo que foi mencionado durante uma das mesas redondas: humildade. Tornou-se insustentável e ineficiente a postura iluminista de que cientistas possuem um

conhecimento superior e que, portanto, precisam levar luz às pessoas. É preciso engajar e interagir sem pressupor hierarquias.

Paulo Nobre, coordenador do tema transversal de Modelagem Climática, defende a cooperação e o diálogo com outras culturas para além da científica. Foi ele mesmo quem, durante um comentário em uma das mesas redondas, chamou a atenção para a importância das ciências humanas quando se fala sobre estudos que envolvem as mudanças climáticas.

José A. Marengo, por exemplo, enfatizou a importância de pensar que não dá para falarmos em mudanças climáticas sem se atentar às questões da justiça climática e do racismo climático. Tudo isso se movimenta no campo das humanidades e deve ser levado em conta pela produção de conhecimento e pela divulgação científica.

No INCT MC-2, o braço das humanidades fica por conta especialmente do tema transversal de Comunicação**,** cuja apresentação de resultados foi conduzida por Renzo Taddei, que partilha a coordenação da componente com a pesquisadora Susana Dias. Em sua fala, argumentou sobre a dimensão política das mudanças climáticas e alertou para o risco que há quando, na ânsia de comunicarmos a questão do clima, classificamos o público como um receptáculo vazio que fica na espera passiva das informações produzidas pela comunidade científica.

Renzo Taddei acredita que a divulgação científica precisa parar de competir e se disponibilizar a interagir com outras tantas questões que atravessam a vida das pessoas: questões de sobrevivência, questões de metafísica, questões de afetos. “A diversidade de ideias é tão importante quanto a biodiversidade”, sugeriu.

Mais adiante, ele refletiu sobre o fato do aquecimento global resultar de um modo de vida ocidental que fixa aquilo que se entende como natureza no lugar entristecido e problemático de recurso. Nesse sentido, Renzo Taddei se encaminhou para o final de sua fala convocando para a transformação de percepções e sentimentos.

A comunicação enquanto divulgação científica precisa se disponibilizar para a relação com outros modos de vida, propondo um engajamento coletivo e cósmico que desvia dos funcionamentos

dados que nos trouxeram ao colapso. É preciso, então, levar a transversalidade até as últimas consequências.

[1] Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da ClimaCom, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com